

O VIÉS IDEOLÓGICO NOS DISCURSOS DE ELEITORES DA EXTREMA-DIREITA NAS ELEIÇÕES DE 2018

IDEOLOGICAL BIAS IN EXTREME RIGHT- WING VOTERS SPEECHES IN BRAZIL'S 2018 ELECTIONS

Felipe de Souza Oliveira 1
Igor Pires Zem El-Dine 2
Sarah Ferreira Rodrigues 3

Resumo: Este artigo analisa ideologias presentes nas construções discursivas proferidas por eleitores do presidenciável Jair Messias Bolsonaro numa matéria veiculada no jornal on-line da Folha de S. Paulo. O referencial teórico está ancorado na Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Norman Fairclough (2001), em diálogo com os modos de operação da ideologia e de suas estratégias, desenvolvidos por Thompson (1990). Como metodologia, o material de análise parte das intertextualidades presentes no texto, isto é, referem-se às falas dos entrevistados sobre o candidato à presidência. A pesquisa desenvolvida constatou que os eleitores parecem estar alinhados às crenças e valores postulados pelo candidato e, ainda, que as ideologias manifestadas se tornam possíveis a partir da oposição a outras, especialmente às figuras do Lula e do PT.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso (ACD). Ideologia. Intertextualidade.

Abstract: This article analyzes ideologies that emerge from discursive constructions made by voters of the presidential candidate Jair Messias Bolsonaro in an article published in the Folha de S. Paulo online newspaper. The theoretical framework is anchored by the critical discourse analysis (ACD), proposed by Norman Fairclough (2001), in dialogue with the modes of operation of ideology and its strategies, developed by Thompson (1990). As a methodology, the analysis material starts from the intertextualities present in the text, that is, they refer to the interviewees' statements about the presidential candidate. The observation of this work is that the voters seem to be aligned with the beliefs and values stated by the candidate and, also, that the manifested ideologies are strongly opposed to others, especially to the figures of Lula and PT (Worker's Party).

Keywords: Critical Discourse Analysis (ACD). Ideology. Intertextuality.

Licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). 1
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal de São João Del-Rei (UFSJ/CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9072330229053960>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9388-261X>.
E-mail: felipe.souza.oliveira@gmail.com

Licenciado em Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa 2
pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestrando do Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ/
CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6743241633415674>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1592-0024>. E-mail: igorpzem@gmail.com

Bacharela em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade 3
Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Mestranda do Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ/CAPES).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1583960398092160>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7625-3894>. E-mail: sarihrodrigues46@gmail.com

Considerações iniciais

O ano de 2018 foi marcado pelas disputas do processo eleitoral no Brasil. Nesse processo, os cargos representativos do poder legislativo e executivo consistiam nas eleições para presidente, senador, governador e deputados federal e estadual. Ao todo, foram totalizados 29.085 candidatos, dentre os quais somente para o cargo de presidente registraram-se quatorze candidaturas. As eleições acontecem a cada 4 anos e o período de campanhas eleitorais começa efetivamente no mês de agosto (TSE, 2018).

Durante o processo eleitoral, os veículos midiáticos realizam uma série de reportagens e entrevistas sobre as propostas de cada candidato e seus respectivos planos de governo. Os debates sobre as eleições também ocorrem nos meios de comunicação para que os eleitores possam esclarecer as dúvidas e compreender o perfil de cada político, para então definir seus candidatos.

Com a justificativa de ajudar os eleitores nesse processo de escolha, o jornal *on-line* da Folha de S. Paulo publicou em seu editorial “Poder” o texto intitulado “Mais segurança e menos ‘privilégios para minorias’: eleitores de Bolsonaro dizem por que votam nele”. A Folha entrevistou oito eleitores de diferentes classes sociais e idades, abordando temáticas variadas. O jornal descreveu os motivos pelos quais esses eleitores apoiavam o candidato do PSL à presidência da República.

O objetivo central deste trabalho é analisar as ideologias presentes nas construções discursivas proferidas por alguns eleitores do presidente Jair Messias Bolsonaro. Dessa forma, investiga-se como eleitores expõem suas ideias e opiniões com base nas questões levantadas pelo jornal. Não é o nosso intuito, contudo, neste breve texto, dar conta de todas as questões ideológicas apresentadas durante as entrevistas. Almejamos explicitar, por meio de um recorte, algumas estratégias típicas de construção simbólica, de acordo com a proposta de Thompson (1990).

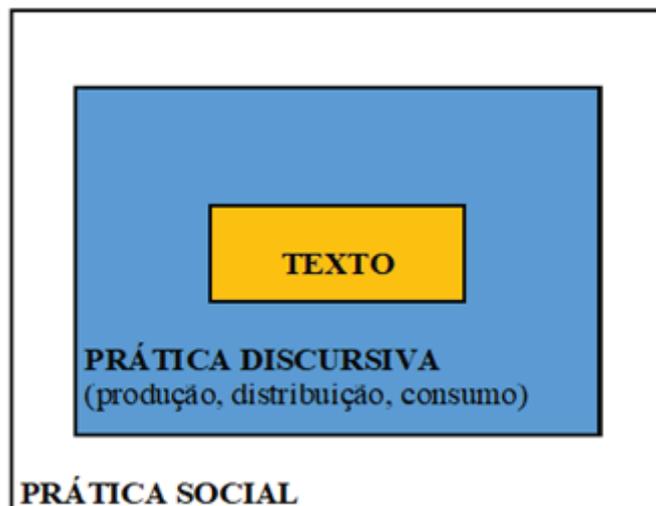
Para tanto, nos vinculamos à abordagem da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), cunhada por Fairclough (2001), a qual estabelece uma relação dialética entre discurso e sociedade, que se configura num dos momentos da prática social. Assim, “sabemos que a ACD se ocupa de efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, possam ter sobre relações sociais, ações, interações, pessoas e mundo material” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 75).

Na próxima seção, discute-se os conceitos utilizados na execução deste trabalho, calçados na ACD. Na seção seguinte, apresentamos os percursos metodológicos. Em seguida, debate-se sobre as análises e discussões dos dados presentes nos enunciados. Por fim, tecemos as considerações finais do estudo.

Análise do discurso textualmente orientada (ADTO)

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma teoria e ao mesmo tempo um método de análise que tem como uma de suas características a preocupação com questões sociais, alinhada a outras esferas de conhecimento, constituindo uma abordagem multidisciplinar. Fairclough (2001) concebe o discurso como uma forma dialética entre discurso e sociedade e que se ampara nos princípios fundantes da concepção tridimensional formalizada por *texto, prática discursiva e prática social*. A etapa de análise textual é denominada *descrição* e as abordagens que tratam da prática discursiva e da prática social correspondem à *interpretação*. A Figura 1 ilustra os níveis de análise propostos pelo teórico:

Figura 1. Concepção Tridimensional do Discurso.



Fonte: FAIRCLOUGH (2001, p. 105).

O discurso é um modo de representação, ação sobre o mundo e sobre as pessoas nele inseridas. Assim, as estruturas sociais são constituídas por meio do discurso, ao mesmo tempo em que interferem nele. É possível afirmar que o discurso é responsável por configurar as identidades sociais e posicionar os sujeitos, contribuindo para a construção das relações entre pessoas e sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001).

O primeiro nível analítico a ser observado é o textual, no qual são investigados aspectos como vocabulário, gramática, coesão e estrutura. Além desses critérios, a interpretação também integra a análise, demonstrando que a dimensão *texto* e *prática discursiva* se imbricam (FAIRCLOUGH, 2001). No estudo proposto, o léxico foi escolhido como categoria analítica, investigando palavras e expressões utilizadas pelos entrevistados em suas falas.

O nível das práticas discursivas consiste em averiguar questões relativas à produção, distribuição e consumo dos textos. Questões como o gênero textual, a autoria, o suporte e a intertextualidade se relacionam a esse processo. As práticas discursivas permitem a compreensão de como os textos são produzidos de maneiras diferentes e têm características que lhes são próprias de acordo com o seu contexto específico.

É relevante pontuar que produtores de organizações sofisticadas, como o jornal Folha de S. Paulo, “produzem textos de forma a antecipar sua distribuição, transformação e consumo, e neles constroem leitores múltiplos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 108). Tal fator interfere diretamente na análise discursiva, uma vez que ao realizar uma interpretação dos textos, é preciso observar os possíveis efeitos de sentido gerados pelo enunciador.

No segundo nível, investigamos na materialidade linguística a intertextualidade, correspondente à propriedade dos textos de serem cheios de fragmentos de outros textos, que podem estar delimitados de forma explícita, sinalizados por meio de aspas ou travessão, ou aparecem mesclados na tessitura textual (FAIRCLOUGH, 2001). Suas características estão entrelaçadas aos processos de produção, distribuição e consumo dos textos, conforme aponta Fairclough (2001, p. 119):

Em termos da produção, uma perspectiva intertextual acentua a historicidade dos textos: a maneira como eles sempre constituem acréscimos às ‘cadeias de comunicação verbal’ existentes (BAKHTIN, 1986, p.94), consistindo em textos prévios aos quais respondem. Em termos da distribuição, uma perspectiva intertextual é útil na exploração de redes relativamente estáveis em que os textos se movimentam, sofrendo transformações predizíveis ao mudarem de um

tipo de texto a outro (por exemplo, os discursos políticos frequentemente se transformar em reportagens. E em termos do consumo, uma perspectiva intertextual é útil ao acentuar que não é apenas ‘o texto’, nem mesmo apenas os textos que intertextualmente o constituem, que moldam a interpretação, mas também os outros textos que os intérpretes variavelmente trazem ao processo de interpretação.

Destacar a intertextualidade permite a percepção de como “os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros discursivos, discursos) para gerar novos textos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 141). Assim, analisar a fala dos entrevistados é pensar em como esses dizeres são recontextualizados e usados para o fim da construção de novos sentidos.

Identifica-se, também, a quais aspectos interdiscursivos os dizeres se remetem. A interdiscursividade faz referência à heterogeneidade de textos que se articulam com discursos múltiplos, visto que questões diversas do mundo podem ser representadas por diferentes discursos (RAMALHO; RESENDE, 2011). Nesse sentido, as falas dos atores sociais demonstram quais campos discursivos são recorrentes para caracterizar, por exemplo, a figura de Jair Bolsonaro como o escolhido para ser presidente. Por meio da análise interdiscursiva, classificamos a forma como os discursos se engendram no texto.

Esse patamar da observação integra as práticas sociais na análise, cujos aspectos ideológicos e hegemônicos estão indicados na materialidade linguística. Fairclough (2001) coloca o terceiro nível ligado à estruturação social relativa ao tema, investigado num nível superior ao texto e seu contexto de produção, distribuição e consumo. As práticas discursivas têm várias orientações de ordem – econômica, política, cultural e ideológica – e os discursos podem estar embutidos em todas elas.

Pode-se analisar as práticas sociais em termos de sua relação com as estruturas e lutas sociais. Essa dimensão se liga especialmente a dois conceitos centrais para o entendimento de como a sociedade se organiza e funciona, em certa medida, baseada num poder discursivo que legitima relações de poder assimétricas. O primeiro deles é a noção de ideologia, que Fairclough (2001) define como poderosas significações e construções da realidade que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. O segundo conceito refere-se a hegemonia, que o autor coloca como a “construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

O posicionamento de Fairclough (2001) sobre o conceito de ideologia aproxima-se da concepção proposta por Thompson (1990, p. 16, grifo do autor), que a entende como “*sentido a serviço do poder*”. O estudo da ideologia exige a investigação das formas como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas, que servem para estabelecer e sustentar relações de dominação. Por isso, o autor propõe uma esquematização de modos gerais de operação da ideologia e estratégias ligadas a esses modos, para verificar como a ideologia atua nas construções simbólicas.

Percursos metodológicos

O *corpus* de análise intitulado “Mais segurança e menos ‘privilégios para minorias’: eleitores de Bolsonaro dizem por que votam nele” é uma publicação do jornal *on-line* da Folha de S. Paulo, datada do dia 25 de março de 2018 e assinada pela jornalista Anna Virginia Balloussier. O veículo midiático chamou oito cidadãos paulistas de idades, profissões e bairros diversos para a realização de uma roda de conversa, com o intuito de evidenciar alguns motivos que os levaram a apoiar o candidato do PSL. O quadro 1 dispõe os dados sobre os eleitores entrevistados:

Quadro 1. Os oito entrevistados pela Folha de S. Paulo

Nome	Idade	Profissão
Leocádia de Castro	62 anos	Aposentada
Lucas Medeiros (Filho)	19 anos	Desempregado
Maria Cristina Szabo	55 anos	Formadora de imagem política
Nilson Franco	48 anos	Coronel do Exército
Patrícia Bueno	37 anos	Advogada; ex-coordenadora do Endireita Brasil
Priscila Medeiros (Mãe)	37 anos	Manicure; desempregada
Raphael Daniele	34 anos	Diretor Administrativo
Thiago Santos	32 anos	Sociólogo

Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 2018.

Elaborado pelos autores

A diversidade dos perfis dos entrevistados remete a uma estratégia discursiva do jornal em demonstrar a possibilidade de consenso para a escolha de Jair Bolsonaro como presidente, visto que pessoas de diferentes classes, idades e profissões concordavam que o candidato era o político ideal para o pleito presidencial. A tentativa de criação deste efeito de sentido específico é observada nos primeiros enunciados da matéria: “A Folha convidou oito moradores de São Paulo, **da manicure** do Itaim Paulista **à doutoranda** do Itaim Bibi”. As expressões grifadas demonstram uma escala estabelecida pelo jornal para a classificação entre a manicure do Itaim Paulista e a doutoranda do Itaim Bibi. A forma como as duas personagens foram citadas demonstra uma diferença acadêmica, intelectual, profissional e geográfica (visto que Itaim Bibi situa-se num bairro nobre, enquanto Itaim Paulista está localizada na periferia de São Paulo), reforçando que as personagens escolhidas representam grupos de diferentes posições sociais.

A nossa discussão se subdivide em diferentes temas que foram trazidos das falas dos entrevistados, demarcadas como intertextualidades. Elegemos grupos de enunciados com características semelhantes, agrupando-os por assuntos para a realização das análises. As temáticas foram: a) a relação de Bolsonaro com o povo; b) a relação de Bolsonaro com a oposição; c) traços de personalidade de Bolsonaro na visão do eleitor; e d) Lula/PT como oposição.

Realizamos uma exploração a nível textual e das práticas discursivas pela verificação dos sentidos depreendidos das colocações intertextuais, observando os efeitos ideológicos dos enunciados apresentados. Elegemos os pressupostos metodológicos de Thompson (1990) no que diz respeito aos modos gerais de operação da ideologia e suas estratégias de construção simbólica para a classificação dos excertos, em conformidade com o quadro 2:

Quadro 2. Operacionalização da ideologia.

Modos gerais de operação da ideologia	Algumas estratégias típicas de construção simbólica
Legitimação: Relações de dominação são apresentadas como legítimas.	Racionalização (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações). Universalização (interesses específicos são apresentados como interesses gerais). Narrativização (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente).

<p>Dissimulação: Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas.</p>	<p>Deslocamento (deslocamento contextual de termos e expressões). Eufemização (valoração positiva de instituições, ações ou relações). Tropo (sinédoque, metonímia e metáfora).</p>
<p>Unificação: Construção simbólica de identidade coletiva.</p>	<p>Padronização (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado). Simbolização da unidade (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva).</p>
<p>Fragmentação: Fragmentação de indivíduos e de grupos potencialmente ameaçadores ao grupo dominante.</p>	<p>Diferenciação (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo). Expurgo do outro (construção simbólica de um inimigo).</p>
<p>Reificação: Retratação de uma situação que é transitória como permanente e natural.</p>	<p>Naturalização (criação social e histórica tratada como acontecimento natural). Eternalização (fenômenos sócio-históricos são apresentados como permanentes). Nominalização (transformação de ação e participantes em nomes). Passivização (apagamento do sujeito com verbos na voz passiva).</p>

Fonte: THOMPSON (1990)
Adaptado pelos autores.

Análises e discussões dos dados

A partir do material jornalístico em discussão, destacamos as falas dos convidados pela Folha para expressarem os motivos pelos quais votariam no candidato Jair Bolsonaro para o cargo de presidente em 2018. Para tanto, desenvolvemos quatro eixos temáticos para a realização das análises que se subdividem em:

a) A relação de Bolsonaro com o povo:

Os enunciados elencados nesta categoria versam sobre a ligação do candidato com a população brasileira, do ponto de vista de seus eleitores.

“responde a demandas reais de **peessoas reais**”.

“Política é ajuda à **população**. Nele [Bolsonaro] ainda há um pouco disso. Ainda vê a luz no fim do túnel”.

“é uma pessoa que se importe com o **povo brasileiro**”.

Os enunciados (1), (2) e (3) correspondem a uma projeção dos eleitores em relação ao comprometimento de Bolsonaro com a população brasileira. Pautas como as questões de gênero/sexualidade são consideradas irrelevantes, ao passo que temas como segurança e armamento devem ser priorizados, por fazerem parte das “demandas reais” da população, como indicado em (1). Nesse sentido, a declaração feita por Bolsonaro em 2016 de que um criminoso “tem que ser recebido com uma bala na testa”¹ encontra apoio em metade da população brasileira, que concorda que “bandido bom é bandido morto”², de acordo com pesquisa do Ibope em 2018.

Os eleitores demonstram em (2) uma crença na política como forma de ajudar a sociedade. Na visão deles, Bolsonaro representa uma saída para o desenvolvimento do país, contrapondo-se aos políticos envolvidos em escândalos de corrupção, em especial do Partido dos Trabalhadores. Demonstram-se, então, grandes expectativas em relação ao candidato do PSL, imaginando que ele fosse o representante ideal por se importar com a população brasilei-

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SthiUdn0Cbo>. Acesso em: 06 jan. 2021.

² Disponível em: <https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/metade-dos-brasileiros-acham-que-bandido-bom-e-bandido-morto>. Acesso em: 06 jan. 2021.

ra (3). Tal fato se ancora em dizeres como um dos lemas iniciais da campanha presidencial, “em defesa da família brasileira”³, e no slogan que nomeou a sua coligação, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”⁴.

Seguindo os modos gerais de operação da ideologia propostos por Thompson (1990, p. 81), os enunciados (1), (2) e (3) ora analisados se alinham ao modo de unificação. A ideia de unificação refere-se a uma construção de identidades coletivas demarcadas nas expressões “pessoas reais”, “população” e “povo brasileiro”. Este modo se apresenta nas sentenças caracterizado pela estratégia de simbolização da unidade. Assim, é possível constatar a ideologia manifestada pelos eleitores de Bolsonaro no sentido de materializar uma simbolização pelo todo, ou seja, que o candidato do PSL faria as mudanças necessárias para o país.

Outro modo operacional aplicado aos itens acima é o de legitimação, que, de acordo com Thompson (1990), trata das relações de dominação como formas de legitimar práticas de determinados grupos sobre outros. Assim, os enunciadores utilizam os seus interesses, apropriando-se de um discurso que engloba todos os brasileiros, configurando uma estratégia de universalização.

b) A relação de Bolsonaro com a oposição:

Os itens, a seguir, mostram como os eleitores estabelecem a relação entre Bolsonaro com a oposição por meio de opiniões.

(4) “**Muitos amigos** têm o mesmo pensamento: votar em Bolsonaro para ter mudança, não para ter esses **presentinhos**”.

(5) “um político que realmente respondesse a nós”, alguém que impedisse aqueles que “queriam **causar revolução** na sociedade e precisavam **destruir** o que pra mim é mais sagrado, a questão da própria família”.

(6) “votará em Bolsonaro porque o que está aí a gente já tem certeza que **não deu certo**, até pela questão da segurança. Rio é uma vergonha nacional e internacional”.

Os enunciados (4), (5) e (6) evidenciam questões de ordem de oposição ao governo petista. Em (4), o sujeito enunciativo utiliza o quantificador “muitos” para se referir ao grande número de amigos que pensam que votar em Bolsonaro seja equivalente a promover mudanças necessárias para o país. O referente “presentinhos”, um substantivo no diminutivo, é uma forma pejorativa de se referir aos programas sociais dos governos petistas, como, por exemplo, o Bolsa Família. Assim, os eleitores concordam com Bolsonaro, que enquanto deputado se referiu ao programa como “compra de votos” que forma “eleitores de cabresto do PT”, além de indicar que não iria “partir para demagogia e agradecer quem quer que seja para buscar voto”⁵ já enquanto pré-candidato à presidência.

No enunciado (5), o ator social idealiza ao candidato do PSL o papel de um político que responde às suas expectativas. Para isso, ele elucida duas condições: (i) a primeira, pelo uso do verbo -impedir aqueles de causar revolução na sociedade. O pronome demonstrativo “aqueles” faz referência ao PT. A expressão “causar revolução” deixa implícito o pensamento do eleitor em acreditar que os governos petistas fossem transformar o Brasil num “país comunista”. Em (5), o sujeito social emprega o verbo “destruir” para afirmar que os governos do PT e suas ideologias desvirtuam as famílias tradicionais brasileiras. Além disso, os verbos “impedir”

3 Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/bolsonaro-escolheu-lemas-de-campanha-defesa-da-familia-e-armamento-rural>. Acesso em: 06 jan. 2021.

4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/slogan-de-bolsonaro-foi-inspirado-em-brado-de-paraquedistas-militares.shtml>. Acesso em: 06 jan. 2021.

5 Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/critico-do-programa-bolsonaro-se-contradiz-ao-defender-bolsa-familia>. Acesso em: 06 jan. 2021.

e “destruir” constroem uma imagem positiva de Bolsonaro no entendimento do eleitor. Pode-se verificar a construção de uma representação social do candidato do PSL como se este fosse a única opção para impedir a suposta destruição dos valores da sociedade brasileira. Uma das estratégias da extrema direita é a constante invenção de inimigos externos para garantir a manutenção da sua existência.

Nesse aspecto, o PT e toda a esquerda, mesmo quando pertencentes a um espectro moderado, são eleitos como comunistas que pretendiam estimular ideias que supostamente “destruiriam” a família tradicional brasileira. Para tanto, Bolsonaro e seus seguidores se utilizam massivamente da propagação de *fake-news* como “kit gay”, “mamadeira de piroca”, “ideologia de gênero” e outras notícias que comprovam a tese de que o PT pretende destruir a família tradicional⁶.

Tais afirmações, que buscam defender a noção de um núcleo familiar idealizado como representativo da tradicionalidade brasileira, e que, portanto, deve ser defendida, enquadram-se no que Thompson (1990) chama de estratégia de racionalização. Nela, “o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e com isso persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio” (THOMPSON, 1990, p. 82-83). A racionalização é uma estratégia que faz parte do modo de operação de ideologia descrito por Thompson (1990) como legitimação e diz respeito a relações de dominação representadas como justas. Weber (1978 *apud* THOMPSON, 1990, p. 82) indica que as afirmações de legitimação podem estar baseadas em fundamentos tradicionais, ou seja, que fazem apelo à sacralidade de tradições imemoriais. A instituição familiar aparece como um modelo a ser protegido, sendo Bolsonaro o candidato que seria o responsável por essa defesa.

No enunciado (6), o sujeito social enfatiza que o governo anterior “não deu certo”. A expressão faz referência aos governos do PT. O ator social justifica essa afirmativa em relação ao aumento dos índices de criminalidade na cidade do Rio de Janeiro, haja vista que a criminalidade é motivo de vergonha nacional e internacional. Ou seja, na sua concepção, as políticas de segurança da gestão petista não eram eficazes no combate à violência.

Estas construções antagônicas configuram-se também como estratégias de diferenciação e expurgo do outro, as quais Thompson (1990) elenca como um modo de operação de fragmentação. O objetivo desta prática é segmentar “aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador” (THOMPSON, 1990, p. 87). Verificamos a estratégia de expurgo do outro por meio de expressões como: “presentinhos”, “causar revolução”, “destruir” [a família tradicional] e “não deu certo”. Além disso, discriminar Lula e/ou o PT, vinculando-os a questões negativas, configura-se também numa estratégia de unificação, segundo Thompson (1990), visto que eleger um inimigo comum que traz ameaças à sociedade é uma forma de construir uma identidade simbólica coletiva para unificar as pessoas.

c) Traços de personalidade de Bolsonaro na visão do eleitor

Nos itens a seguir, indicamos os traços de personalidade de Bolsonaro explicitados pelos eleitores, demonstrando os motivos pelos quais eles escolheram votar no candidato.

(7) “Antes, se você falava em Bolsonaro, era **exótico**. Agora, parentes que nunca tiveram contato com política falam naturalmente, mandam vídeos do Bolso”.

(8) “Se for falar de **moral** e pegar Congresso, me fala um político que tá todo o tempo do Bolsonaro [desde 1991] e tem a ficha dele, que não tem nenhum escândalo”.

(9) “Tudo o que ele fala ou faz se torna **polêmico**”.

(10) “Querem que a população interprete de outra forma, mas ele é **autêntico**, é aquilo ali, não precisa fazer média”.

(11) “**Se a pessoa te xinga** e você xinga de volta, **não é crime**. Ainda que ele tivesse **falado coisas piores**”.

(12) diante de alguém “que estava defendendo um assassino”, Bolsonaro até que foi “**extremamente educado**”.

(13) “Ele é uma **pessoa, um ser humano**”, emenda Patrícia. Raphael concorda: “Não estamos elegendo um **super-homem**”.

(14) “Herda do militar aquele perfil **honesto, conservador** do qual já fiz parte, mas ao mesmo tempo **estende a mão** para segurança, educação, comércio”.

As apresentações de Bolsonaro como “exótico” e “polêmico” - em (7) e (9), respectivamente - são justificadas e amenizadas ao evidenciarem que isso faz parte da autenticidade do candidato e que atualmente são mais aceitas e vistas já sem tanto estranhamento. Thompson (1990, p. 84, grifos do autor) diz que uma estratégia que “facilita a dissimulação das relações sociais é a eufemização: ações, instituições ou relações sociais são descritas ou reescritas de modo a despertar uma valoração positiva”. A dissimulação como modo de operação da ideologia se apresenta, além de nos excertos (7) e (9) acima citados, na defesa do candidato em relação ao caso Maria do Rosário.

Relembrando o caso, no ano de 2003, na condição de deputado, Bolsonaro falou diante das câmeras da RedeTV!, no Congresso Nacional, que não estupraria Maria do Rosário porque ela não merecia. Após Maria do Rosário responder afirmando que lhe daria uma bofetada se o deputado tentasse algo, ele retrucou dizendo que daria outra, chamando-a também de “vagabunda”. Em entrevista, Bolsonaro disse que a briga começou com um comentário sobre a redução da maioria penal. Ao ouvir que Maria do Rosário era contrária à medida, sugeriu que a deputada contratasse o Champinha (Roberto Alves da Silva), que participou do estupro e assassinato de Liana Friedenbach, para ser motorista de sua filha⁷.

Nas falas dos entrevistados da matéria, é dito que xingar alguém não é crime, se isso for feito para se defender (11) e que a forma como o candidato lidou com a situação pode ser considerada educada, devido ao contexto da situação (12). O que é desconsiderado pelos eleitores do então presidencial é o impacto social negativo que falas machistas como estas podem ter na sociedade brasileira, que já é altamente perniciosa para as mulheres. O Brasil é o quinto país com mais casos de feminicídio do mundo⁸, e 1 em cada 4 mulheres no país afirma já ter passado por algum tipo de violência⁹. Quando uma figura pública engendra dizeres desse teor numa emissora de televisão de amplo alcance social, acontece uma legitimação da violência por meio desse discurso.

No entanto, para os eleitores de Bolsonaro, esse comportamento é justificável. Dessa forma, mesmo em se tratando de situações em que Bolsonaro profere xingamentos, encontra-se uma maneira de transformar essa atitude em algo positivo. Mais uma vez é criada uma opo-

7 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1559815-para-rebater-deputada-bolsonaro-diz-que-nao-a-estupraria.shtml>. Acesso em: 06 jan. 2021.

8 Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/11/brasil-e-o-quinto-pais-do-mundo-em-ranking-de-violencia-contra-mulher.html>. Acesso em: 06 jan. 2021.

9 Disponível em: <https://exame.com/brasil/1-em-cada-4-mulheres-passou-por-violencia-em-2018-no-brasil-diz-pesquisa>. Acesso em 06 jan. 2021.

sição entre Bolsonaro e uma outra instância. No caso em questão, a deputada federal Maria do Rosário é colocada como “defensora de assassinos”, enquanto o presidenciável é tido como “extremamente educado”. Nesse e em outros casos apresentados, as falas dos entrevistados criam um efeito de sentido de uma imagem positiva para o então presidenciável por meio da existência de um outro (tema/grupo/pessoa) que se coloca em embate com o Bolsonaro; por vezes, a mídia, em relação à segurança, o PT, Lula, os políticos etc.

Ademais, ressalta-se a natureza humana do candidato como forma de ponderar sobre suas inconsistências. Assim, por se tratar de um homem comum e não um super-herói (13), o que é visto como pequeno desvio é considerado aceitável, principalmente quando em tese se tem a honestidade e o conservadorismo (14) como contrapartida. Dizer que Bolsonaro, apesar de conservador, “estende a mão” para temas sociais estabelece um caráter solidário, em diálogo com os interesses da população e não apenas com os seus próprios. Ter sua vida política afastada de escândalos (8) também é usado como argumento para defender sua moral.

d) Lula/PT como oposição

As figuras de Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT) aparecem de forma implícita durante os enunciados. Porém, há algumas inserções onde as referências são diretas.

(15) “No fundo ele [Lula] me dava esperança que ia pegar o que estava recebendo do FHC, que resolveu a situação do real, a paridade do dólar [...] Eu achava que Lula pegaria tudo aquilo e profissionalizaria no sentido de distribuir a renda. Ele fez o **contrário**. Pegou os piores podres e profissionalizou no **oposto**, para **destruir** princípio, a base, que é a família”.

(16) “Em 2002, eu brigava com você se falasse mal de Lula”. Elenca escândalos como o da pasta rosa para explicar seu desgosto com a era FHC. E hoje, o que mudou? **Nada**, diz. “Tem que dar um basta. Para Aécio [Neves, PSDB], R\$ 2 milhões [de suposta propina]. [Antonio] Palocci [PT] são milhões e milhões. Você desanima de ser honesto. O policial ganha R\$ 3.000, R\$ 4.000 para levar tiro”.

(17) “No Nordeste, como o PT se **alastrou** tanto? Ia com a necessidade do povo”.

(18) “O Estatuto do Desarmamento, sancionado no primeiro ano do governo Lula, 2003, é vaiado pelos oito bolsonaristas. “Só desarmaram **cidadão de bem**”, afirma Priscila.

O antagonismo apresentado por Lula e pelo PT é marcado pela demonstração do seu modo de governo como divergente aos interesses dos eleitores, que afirmam já terem depositado esperança (15) e até mesmo brigado para defender Lula (16) no passado. Porém, se mostram insatisfeitos e contrariados com os desdobramentos da sua gestão, que vão no sentido “oposto” ao que acreditam ser o melhor para o país, além de não apresentar nenhuma mudança em relação ao governo anterior.

Os programas sociais do PT são novamente atacados, desta vez de forma mais direta, por meio de uma indagação (17). Ao afirmar que o Partido dos Trabalhadores “se alastrou” no Nordeste, o entrevistado equipara o grupo político a uma praga que se espalha de maneira contagiosa. O verbo “alastrear”, nesse contexto, tem uma carga semântica negativa, reforçando a imagem desfavorável do partido da esquerda. Em seguida, o ator social responde o seu próprio questionamento, “ia com a necessidade do povo”, colocando o substantivo “necessidade” como um sintoma que atinge o povo nordestino. No entendimento do entrevistado, os programas sociais petistas funcionam de maneira assistencialista, como uma forma de barganha para

angariar votos.

Ao trazer que a política desarmamentista do PT foi prejudicial ao “cidadão de bem”, o enunciado (18) exemplifica como Lula e seu partido governaram com interesses contrários aos da sociedade, afastados da realidade do país. Isso então justifica e reitera a presença de Bolsonaro como um candidato alinhado às demandas da população brasileira. Dessa forma, novamente ocorre uma fragmentação, através da diferenciação e expurgo do outro, estratégias explicadas por Thompson (1990) e já citadas anteriormente. A apresentação de Lula e do PT envolve a construção de um inimigo em comum “contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo” (THOMPSON, 1990, p. 87).

É importante notar, também, que os termos “Lula” e “PT” se tornam intercambiáveis. Falar de um é, ao mesmo tempo, falar do outro. Esse tipo de construção corresponde à estratégia de dissimulação que Thompson (1990) coloca dentro do rótulo geral de tropo e que corresponde ao emprego de sinédoque, metonímia e metáfora. Ao falar de Lula para se referir a todo o governo petista, há a nomeação de parte pelo todo. Inversamente, ao falar do PT para se referir a Lula, há a nomeação do todo pela parte. Essa estratégia “pode dissimular relações sociais, através da confusão ou da inversão das relações entre coletividades e suas partes, entre grupos particulares e formações sociais e políticas mais amplas” (THOMPSON, 1990, p. 84-85).

Vale destacar ainda que Bolsonaro é contrário à política de desarmamento promovida pelo governo petista¹⁰. O candidato foi favorável discursivamente ao texto que entende que os cidadãos em geral, possam portar arma de fogo para a finalidade de defesa patrimonial e pessoal. Assim, o deputado entende que o porte de armas para o “cidadão de bem” devolveria o seu direito em defender a própria vida, da sua família, e da sua propriedade (LACERDA, 2019). O discurso de Bolsonaro vai além da legítima defesa, considerando outros temas, como da pena de morte e a redução da maioria penal¹¹, em discurso proferido na câmara dos deputados, ele se pronunciou sobre o tema:

O preso não merece ser humilhado, mas ser condenado a pena de morte. Enquanto não adotarmos no país a pena de morte, redução da maioria penal e controle da natalidade, não chegaremos a lugar algum no combate não só da violência, mas à fome e à miséria (Deputado Jair Bolsonaro, PTB/RJ, discurso em plenário em 29/04/2003).

Pautado no discurso em defesa da pena de morte e da redução da maioria penal à crítica de Bolsonaro ao governo petista recai sobre um conjunto de mudanças na proposta de reforma do Código de Processo Penal. Para ele, a proposta apresentada recai numa conjuntura de iniciativas que promovem a legalização das drogas, criminalização da homofobia e legalização do terrorismo atribuídas ao movimento do MST (LACERDA, 2019). Para o deputado, a proposta “atenta-se contra a família, os bons costumes e a religiosidade” (Deputado Jair Bolsonaro, PP/RJ, discurso em plenário em 05/07/2012). Dessa forma, verifica-se no discurso de Bolsonaro uma defesa dos cidadãos que querem se defender, seguindo os preceitos ideológica de aliados e apoiadores.

Considerações Finais

A ACD apresenta-se como um percurso teórico-metodológico que possibilita compreender as inserções dos sujeitos sociais e suas visões de mundo na sociedade contemporânea. Fairclough (2001, p. 125) enfatiza que “não se deve pressupor que as pessoas tenham consciência das dimensões ideológicas de sua própria prática”. Tal afirmação nos permite pensar que os indivíduos não possuem uma consciência crítica sobre os discursos ideológicos dos quais

¹⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u84396.shtml>. Acesso em: 6 jan. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/edercontent/2018/08/31/Bolsonaro-promete-reduzir-maioridade-penal.html>. Acesso em: 6 jan. 2021.

compartilham. Pelo contrário, os sujeitos sustentam e reproduzem discursos investidos ideologicamente que naturalizam práticas opressoras e discriminatórias.

As construções dos enunciados propostos pelos oito atores sociais e pelas formas de exemplificação de crenças e valores, relacionados à figura do candidato do Jair Bolsonaro e às temáticas abordadas, corroboram com o apontamento de Charaudeau (2008, p. 201) “de um processo de ideologização que constrói um conjunto de crenças mais ou menos teorizadas sobre a atividade social e tem por efeito discriminar as identidades sociais”. Não obstante, os enunciados analisados demonstraram, em diferentes momentos, formas de exclusão dos outros, como de grupos LGBTQIA+, de movimentos feministas e de direitos humanos.

O perfil ideológico da extrema-direita ampara-se em diferentes setores sociais que desejam Jair Messias Bolsonaro como presidente pela defesa de valores religiosos, armamentistas e oposição ao comunismo. O deputado corrobora com discursos contra os direitos humanos e de minorias (LACERDA, 2019) concentrados numa agenda pró-família tradicional, rejeitando a interferência do Estado nos valores morais e familiares. Ademais, opõe-se fortemente à identidade de gênero ou à diversidade de orientação sexual. Dessa forma, o candidato constrói uma agenda de pautas, de afirmações do campo ideológico, contrários aos governos anteriores e que vem ganhando adesão de aliados e de apoiadores.

Os operadores de ideologia e as estratégias propostas por Thompson (1990), que foram usadas como categorias de análise descritas nos enunciados, revelaram como os eleitores de Bolsonaro constroem representações do candidato do PSL alinhadas às suas próprias convicções. Em suma, os enunciados destacaram que um dos efeitos de maior magnitude dos eleitores é a aversão ao PT/Lula. Nesse expoente, os motivos dos eleitores ao votar em Bolsonaro são justificados por diversas razões: por atender às demandas do povo, promover políticas de segurança, demonstrar ser um homem linha dura e não se ater aos progressistas. Sendo assim, esses atravessamentos se constituem e materializam por meio de diversos discursos em oposição aos governos anteriores.

No tocante às práticas sociais, os eleitores de Bolsonaro negam as ideologias investidas em seus discursos, ou seja, não compreendem que por trás de suas opiniões há discursos ideologicamente cristalizados, que se sustentam por intermédio de práticas discursivas conservadoras e hegemônicas. Hegemônicas porque estabelecem uma relação de dominação do pensamento do outro, isto é, as pessoas negam-se a discutir e problematizar questões, atribuindo à figura do candidato uma certeza de salvação para o país. Logo, “a função da certeza é negar o outro. E negar o outro vem a ser uma prática totalmente deturpada de produção de verdades” (TIBURI, 2018, p. 24).

Referências

BALLOUSSIER, A. V. **Mais segurança e menos privilégios para minorias eleitores de Bolsonaro dizem por que votam nele**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/mais-seguranca-e-menos-privilegios-para-minorias-eleitores-de-bolsonaro-dizem-por-que-votam-nele.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BATISTA JR, J. R; SATO, D. T. B; MELO, I. S. **Análise de Discurso Crítica**: para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

LACERDA, M. B. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre - RS: Zouk, 2019.

RAMALHO, V; RESENDE, V, M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

TIBURI, M. **Como conversar com um fascista**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

TSE, 2018. **Eleições 2018**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Recebido em 20 de julho de 2020.

Aceito em 20 de outubro de 2020.